

Os encontros e desencontros entre turismo e cultura na 'Cidade do Sol' - Natal (RN)

The connection and disconnection between culture
and tourism in the 'Sunny City' of Natal (RN) - Brazil

ANTONIO JÂNIO FERNANDES

Doutor em Geografia e professor de Turismo na UERN (RN)
birdpeace@hotmail.com

Resumo

A cultura constitui-se num dos principais atrativos pelos quais os agentes de governo e de mercado envolvidos com o turismo escolhem uma dada localidade para se tornar destino turístico. No entanto, num mundo globalizado esta relação vem sofrendo profunda ambigüidade onde geralmente as realidades locais são submetidas mais aos interesses de mercado. Considerando que Natal, a capital do estado do Rio Grande do Norte foi inserida intensamente na atividade turística a partir da década de 1980-1990 e não incorporou o potencial da cultura local como elemento que poderia juntamente com os seus atrativos naturais promover um turismo mais sustentável, este artigo desenvolve uma reflexão com a perspectiva de avaliar quais são as consequências desses encontros e desencontros entre turismo e cultura para a 'Cidade do Sol', Natal (RN), Brasil.

Palavras-chave: Turismo; Cultura;
Cidade de Natal (RN) - Brasil

Abstract

The culture is considered of the most important attractive for government and marketing agents involved with tourism in order to choose certain location to be its destiny. But, with globalization it shows bi ambiguity where the original location are shifted by the economical interest. Considering that Natal-RN was inserted in the tourism from 1980-1990 and not incorporated the local culture as a sustainable tourism this article develop a reflection in order to detect which are the consequences of the connection and disconnection between culture and tourism in the Sunny City of Natal (RN), Brazil.

Keywords: Tourism; Culture;
City of Natal (RN) - Brazil

Oturismo pela capacidade que tem de se incorporar aos mais diversos contextos socioculturais e espaciais, as mais diversas paisagens naturais e saber interligar a esfera local às mais diversas esferas, vem se constituindo numa das atividades mais promissoras para uma economia globalizada. Como parte de um conjunto de elementos que consiste no que denominamos de prática social, o turismo enquanto atividade econômica reproduz de forma muito mais sutil e intensa as contradições atuais do sistema capitalista, baseado principalmente numa economia flexível e de serviços.

No entanto, também se caracteriza como um fenômeno profundamente ambíguo, pelos inúmeros interesses que passa a despertar nas mais diversas esferas sociais e econômicas, mas sobretudo pela capacidade que tem em transformar espaços e produzir novas territorialidades, interferindo significativamente nos contextos culturais locais.

Nesse sentido, é necessário destacar ainda que o turismo é uma das práticas sociais que por assim dizer, permite relações mais intensas, diretas entre pessoas de culturas diferentes e que, portanto promove processos que interferem de forma mais rápida no cotidiano, nas subjetividades das populações receptoras, causando impactos reais na identidade local.

Com base nessas premissas destaca-se como objetivo desse trabalho analisar quais são as conseqüências socioculturais que Natal – enquanto principal sítio urbano do Rio Grande do Norte – vem sofrendo em decorrência da implantação de uma política de turismo que privilegia primordialmente o segmento Sol e Mar.

Partindo dessa perspectiva, discutiremos primeiramente alguns aspectos referentes às interfaces entre turismo e cultura. Em seguida abordaremos sobre a evolução da cidade de Natal, destacando como os vários atores interferiram culturalmente no seu processo de evolução. E por fim, analisaremos com que intensidade a atual política de turismo, baseada primordialmente no segmento de turismo de “Sol e Mar” tem gerado conseqüências (encontros e desencontros) para a cultura local de Natal.

TURISMO E CULTURA: INTERFACES DE UM PROCESSO

O turismo enquanto prática humana, por mais que seja tida como uma das atividades econômicas mais promissoras da atualidade é, essencialmente uma prática cultural, pois educa, influencia e transforma pessoas e contextos. Resulta de um processo de inter-relações entre pessoas e contextos, entre saberes e fazeres, entre possibilidades e interesses os mais diversos. Ocorre numa intensidade inigualável e diferente da maioria das outras atividades econômicas, permeando de forma diferenciada os contextos onde se insere. Como nos afirma Krippendorf (1989:89) “cifrar a influência do turismo sobre os hábitos, os costumes, as tradições, as normas locais” não é tarefa fácil. E mesmo sobre a economia tem sido um dos principais problemas dos estudiosos da área.

Diferentemente de outras práticas ou atividades humanas, só ocorre a partir de um processo que promova uma profunda inter-relação entre diversos atores sociais, entre diversos contextos e entre diversas outras práticas sociais. Por uma característica que lhe é peculiar, o turismo para existir está cada vez mais abrangendo inúmeros e diversos setores da economia, promovendo o surgimento de outros, transformando dinâmicas organizacionais em todos os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. Por esta característica, ao mesmo tempo em que reproduz as contradições do sistema capitalista, também as sublima, na me-

dida em que surge como mecanismo de desenvolvimento local e de melhoria da qualidade de vida. Nesse sentido, sua forma de reproduzir o sistema se reveste de uma ambigüidade a qual não podemos afirmar de forma simplória que reproduz da mesma forma que os outros setores produtivos, as contradições deste sistema.

No entanto, a compreensão que se tem elaborado sobre a relação entre cultura e turismo muitas vezes tem caído num reducionismo onde a cultura passa a ser estratificada como parte daquelas manifestações artísticas que sejam capazes de se transformar em produto turístico. Mas a cultura como destaca Taylor (apud GONÇALVES, 1998: 2) é um “complexo unitário que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, as leis e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Como nos afirma Velho (apud LAGO, 1996: 17) a cultura não é, em nenhum momento uma entidade acabada, mas sim uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que não só desempenham “papeis” específicos, mas que tem experiências existenciais particulares.

Partindo desta observação Gastal (2001) ressalta ainda que é fundamental que a cultura deixe de ser apresentada, exclusivamente do ponto de vista do lugar, do sedentário, como algo acabado, como produto de consumo. E conclui afirmando que:

Cultura é um insumo turístico importante, mas é aquela cultura viva, praticada pela comunidade em seu cotidiano. Não é um espetáculo, que inicia quando o ônibus dos visitantes chega, mas uma atividade que a comunidade exerce rotineiramente. Quando os visitantes chegarem, eles serão bem vindos e convidados a juntos dançar, cantar, saborear o pão, aplaudir o artista. (Idem: 129)

Com o avanço do processo de globalização, o turismo foi colocado como uma das principais atividades econômicas que poderia promover de forma mais rápida o desenvolvimento de regiões consideradas atrasadas, à medida que propiciaria o surgimento de um vasto mercado de trabalho, a geração de renda e a melhoria da qualidade de vida destas populações. (OURIQUES, 2005)

Mas nas últimas décadas, as críticas quanto aos efeitos negativos do turismo de massas, principalmente sobre as comunidades mais frágeis, menos desenvolvidas já se destacam como uma das principais preocupações de estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Muitos se colocam céticos quanto às potencialidades do turismo como uma ferramenta para o desenvolvimento e o crescimento e como meio de maximizar o bem-estar das populações nativas. (ARCHER e COOPER apud THEOBALD, 2002) Para Krippendorf, (1989: 99) Salvà Tomàs (1999: 189) a destruição do meio ambiente, o processo de segregação das comunidades nativas e a exclusão dos autóctones de todas as fases de implantação da atividade turística destacam-se dentre outras, como as que tem causado os efeitos mais negativos.

Os impactos gerados pelo turismo de massa e sem a participação ativa das populações locais geralmente são irreversíveis. Desconfiguram, fetichizam a identidade da comunidade receptora. (MARTINS, 2003) Isto segundo Payés (1999: 131) ocorre porque, a lógica que guia a atividade turística é da valorização patrimonial, é a da busca pela maior rentabilidade no menor prazo possível.

É neste contexto que se insere o nordeste do Brasil (BENEVIDES, 1998) e consequentemente a cidade de Natal (FURTADO, 2005), a capital do Rio Gran-

de do Norte. Cidade tipicamente caracterizada pelo atraso econômico e por uma pobreza extrema, mas que, por outro lado, também dispõe de um grande potencial turístico pelas vastíssimas áreas de litoral consideradas como “vazios litorâneos” e inúmeras belezas naturais exóticas quase intocadas.

O patrimônio cultural que em muitos aspectos são ainda singulares para a construção da identidade nacional, como manifestações tipicamente potiguar ainda não foram concebidos como elemento significativo para a atividade turística. Isto fica claro quando descortinamos um pouco da história da cidade de Natal e de suas manifestações culturais.

A CIDADE DE NATAL: SEUS ATOS E ATORES

Para que se compreenda o porquê dos encontros e desencontros entre turismo e cultura na cidade de Natal é necessário desvelar o processo histórico do surgimento desta cidade, destacando suas formas e funcionalidades. Faz-se necessário também descortinar como ocorreu a formação das classes sociais e as relações que estas mantinham e mantém, e que conseqüentemente resultou na construção de sua identidade. Aqui entendida como o sistema cultural de referência pelo qual um indivíduo se compreende como pertencente a uma determinada comunidade. (CLERTON, 2003 apud AGUIARE, 1997, 1999)

Natal, assim como a grande maioria das cidades litorâneas brasileiras surgidas no período colonial, passou a desempenhar funções que influenciaram significativamente a cidade a construir uma estrutura social segregativa, de apartação socioespacial (e cultural), que ainda se perpetua até os dias atuais. (SILVA, 2003)

Esse processo resultou em uma cidade que foi se constituindo pela nítida separação entre os bairros dos ricos (Cidade alta e Ribeira) os bairros dos pobres (Rocas, Paço da Pátria e Alecrim). Os primeiros ocupavam as áreas mais nobres da cidade e se caracterizavam por uma infra-estrutura urbana moderna, decorrente das aspirações das elites locais (composta pelas oligarquias rurais e uma burguesia emergente) que almejavam acompanhar as tendências manifestas em cidades da Europa e nas capitais de outros estados brasileiros. (OLIVEIRA, 2000) Já os bairros mais populares vão se transformando em áreas periféricas da cidade.

Com essa forma de ocupação do espaço, resultou que a cidade foi sendo também estratificada do ponto de vista cultural. À medida que se desenvolvia como centro administrativo e político foi explicitando cada vez mais as diferenças entre aqueles que desfrutavam de uma cultura erudita, letrada e aqueles que praticavam uma cultura popular.

A cultura erudita como parte das manifestações das elites locais e mais aberta às influências estrangeiras vai se consolidando como hegemônica e se consubstanciando na própria expressão do novo projeto urbanístico da cidade, caracterizado como nos afirma Furtado (2005) por “um novo estilo de morar: com ruas largas e arejadas, distantes das classes populares e das condições ambientais que afetavam na época, a parte antiga da cidade”. Assim surge todo um aparato público que vai permitir que as elites desfrutem de sua cultura. A construção do teatro municipal no início do século XX (1904) representa o momento áureo desse processo, acompanhado da fundação do Liceu, do Instituto histórico e geográfico do Rio Grande do Norte, dentre outros.

Para as esferas sociais desprovidas de condições financeiras (geralmente oriundos do sertão, área que sofria com grandes períodos de estiagem), restava a realização dos festejos populares. Estes aconteciam geralmente nas ruas, em logradouros públicos ou nos pátios das matrizes e traziam com a exceção do carnaval uma conota-

ção significativamente religiosa na medida em que ocorriam em consonância com as festas de padroeiros. Dentre estas podemos citar algumas manifestações que ainda são executadas atualmente aqui em Natal: o pastoril, a festa do Judas, o Congo de Calçola, a Araruna, o Banbelô e o Boi Calemba. (Anuário de Natal, 2009)

Mas com inclusão de Natal como ponto estratégico no segundo grande conflito mundial, pela primeira vez, em mais de três séculos, a cultura local, aqui entendida em todas as suas manifestações passa a sofrer profundas transformações.

As influências dos contingentes militares, tantos os nacionais como os estrangeiros que aqui se estalaram, se faziam notar tantos nos aspectos morais valorativos, como nos hábitos e costumes, como ainda em suas manifestações artísticas culturais. (TRINDADE, 2007; MONTEIRO, 2007) É deste período que a praia é descoberta como espaço de lazer, que se alterou o modo de vestir e a cultura local passou a sofrer um profundo processo de “estrangeirização”. (CASCUDO, 1984)

O novo traçado urbano que se alterava para atender as necessidades estruturais do conflito e as conseqüências deste foi outro aspecto também visível como conseqüência deste período. Com o conflito ocorreu o desenvolvimento do comércio e dos serviços e um significativo aumento da população urbana. [1] (CLEMENTINO, 1995) Este processo, no entanto, apesar de permitir certa mobilidade social não alterou a característica principal da cidade, a de ser um espaço estratificado, de visível segregação social e cultural.

O surgimento do novo bairro denominado “Cidade Nova” (atualmente Petrópolis e Tirol) teria sido segundo Furtado (2005: 103) “A “entrada” da praia na cidade” e conclui afirmando que esses teriam “sidos concebidos e dotados com infra-estrutura de pavimentação, eletrificação pública e transporte coletivo. Além da arborização, que os tornavam aprazíveis para viver. Habitados pela elite natalense, simbolizavam status”. Nos vazios entre o novo bairro e as dunas desenvolveu-se como consequência o aglomerado urbano de Mãe Luiza e Guanabara, tipicamente popular.

Passado o conflito, a cidade entra num processo de decadência econômica. As tentativas de promover o desenvolvimento local com a instalação de plantas industriais a partir de 1959 pela Sudene não resultaram nas expectativas esperadas.

As características, entretanto da cidade de Natal como um lugar de clima agradável, de belezas naturais únicas (que já haviam sido motivo de destaques nos jornais internacionais desde a década de 1920) e de que se encontrava num ponto estratégico que viabilizava sua inserção nas rotas internacionais de aviação. (CASCUDO, 1984) associada às expectativas que o turismo de massa já despertava interna e externamente como mecanismo de desenvolvimento, influenciou significativamente os governos estaduais e municipais, pós-conflito mundial, a implantarem uma infra-estrutura urbana que permitisse dar maior visibilidade ao potencial natural que Natal dispunha.

A construção do primeiro hotel de porte internacional (Hotel Reis Magos na década de 1960) na praia do meio, local onde as elites se encontravam para desfrutar do lazer, assim como as obras de urbanização que se direcionavam primordialmente do centro em direção ao litoral sul (destino para onde também já se encaminhava boa parte das elites locais à busca do descanso) induziram Natal a vincular-se primordialmente ao segmento de turismo de Sol e Mar. Segmento que segundo Barbosa (2004) induziu o turista a uma estada relativamente curta.

Dessa forma, como nos afirma Furtado (2005: 122) “ao se produzir para sua elite, a cidade já se preparava para a chegada de uma atividade que se apropriaria de sua beleza natural, bem como de seu espaço produzido socialmente”.

1 - Segundo Furtado, a população de Natal cresceu entre 1940-1950 de 54.836 para 103.215 habitantes.

A partir dos anos oitenta, com a implantação do projeto “Parque das Dunas/Via Costeira”, considerado o marco mais importante do turismo para o estado, (SOUZA, 1999) Natal consolida a sua imagem como sendo essencialmente um destino turístico de natureza, de sol e mar.

As duras críticas referentes aos impactos que esse projeto causaria numa faixa de 8,5 Km de litoral ocupada por um conjunto de dunas e ecossistema de mata atlântica de vital importância para a cidade, assim também como os impactos que causariam as duas comunidades litorâneas Mãe Luiza e Guanabara – surgidas entre o litoral e os bairros de Petrópolis e Tirol –, apesar de resultar em algumas adaptações, não alterou o objetivo final que era integrar Natal ao circuito turístico nacional e internacional. (CAVALCANTI, 1993)

Os desdobramentos desta política para o sítio urbano de Natal resultaram numa nova racionalidade de estratificação dos espaços, voltados a atender não só mais as demandas das classes hegemônicas locais, mas os interesses destas consubstanciada aos complexos interesses de segmentos empresariais e financeiros vinculados uma economia em intenso processo de globalização. Ou seja, onde os espaços de trabalho passam a se confundir com os de lazer, onde cotidianos diferentes tornam-se coadjuvantes de uma práxis social (turismo) que transforma hábitos e costumes, valores e manifestações em mercadorias.

De uma forma mais explícita esta conjuntura passa a ser percebida quando a cidade de Natal é inserida no Programa de desenvolvimento do turismo – Prodetur. Entretanto, nesta nova etapa “de um mesmo jogo”, o desenho socioespacial, expresso urbanisticamente já mostra esgotamento (verticalização, especulação imobiliária) e as conseqüências culturais resultantes deste processo espraiadas em diversas conjecturas (violência, prostituição, drogas, desagregação familiar) denunciando os encontros e desencontros entre turismo e cultura na cidade de Natal.

ENCONTROS E DESENCONTROS DA CULTURA E DO TURISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL DA CIDADE DE NATAL

A conformação física geográfica de onde se localizou o sítio urbano de Natal muito contribui para a definição de sua imagem turística, já anunciada desde o início do século XX pela imprensa europeia como sendo um lugar de clima aprazível e de grandes belezas naturais.

Com pouca faixa de praia e cortada ao longo por um cordão de dunas que se distribui por quase todo o seu litoral, Natal foi obrigada a se desenvolver enquanto núcleo urbano nos vales que se formavam entre as dunas o mar e o rio Potengi.

No entanto, as relações sócioespaciais que foram se constituindo ao longo de seu desenvolvimento enquanto centro político e administrativo, caracteristicamente baseado por uma profunda estratificação socioespacial e conseqüentemente cultural, na medida em que vai reforçando essa idéia de “paraíso natural”, vai paulatinamente também desconsiderando a diversidade cultural que a compunha.

Nesse sentido é necessário lembrar que a idéia de paraíso natural tão presente na cultura local e ainda hoje amplamente divulgada. Foi uma idéia exógena para os que aqui viviam até que as elites locais ao internalizarem o que era apregoada pelos europeus a tornaram hegemônica. De certa forma esse discurso de paraíso serviu e ainda se presta para “camuflar” uma realidade que apresenta profundas desigualdades socioespaciais.

A cidade de Natal enquanto produto turístico ainda continua sendo enfaticamente apresentado pelo discurso das elites locais. No marketing do turístico local, nos discursos dos gestores públicos e da tríade à hegemonia desta perspectiva vem desconsiderado o potencial da cultura local na sua diversidade. Dessa forma, ainda apresenta-se significativamente caracterizado pelo discurso hegemônico. A perspectiva cultural é citada apenas de forma complementar, como um apêndice no discurso oficial.

Nesse sentido, a atual política de turismo é o reflexo de um contexto maior onde os investimentos em educação, em cultura além de insuficientes, são utilizados de forma indevida. Onde não se valorizam as expressões mais identitárias locais por serem estas manifestações tipicamente vinculadas às camadas populares. Como exemplo desta realidade cita-se o Boi Calemba, o Babelô ambos situados em áreas tipicamente habitadas pelas camadas mais pobres da população e que não recebem incentivo algum.

Das manifestações culturais populares a única que ainda dispõe de incentivos fiscais e tem sido utilizado como forte aliado na construção da imagem de Natal como destino turístico é o artesanato. Contudo, é perceptível que este tem perdido muito as características que o identificavam como uma expressão local, como manifestação espontânea de uma prática tradicional, se tornando também uma mercadoria.

A partir desta perspectiva é que fica perceptível as distâncias entre turismo e cultura em Natal, assim como no Rio Grande do Norte, o que ressalta o motivo pelo qual o turismo não tem conseguido crescer, apesar do seu potencial local ser imensamente maior que em muitas outras localidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIARE, A. "Cultura y identidad cultural, introducion a La antropologia". Barcelona: Badenas, 1997. (In) MARTINS, Clerton. *Turismo Cultura e identidade*, São Paulo:ROÇA, 2003.
- _____. "Identidade cultural e social". *Antropologica, revista de etnopsicologia y etnopsiquiatria*, Barcelona, Tercera época. P. 99-101, mai/1999. (In) CLERTON, Martins. *Turismo cultura e identidade*, São Paulo:ROÇA, 2003.
- ARCHER, Brian; COOPER, Chris. "Os impactos positivos e negativos do turismo". In: THEOBALD, William F. (Org). *Turismo global*. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2002.
- BARBOSA, ANDREIA DANTAS et al. *Turismo: cultura lazer e possibilidades de intervenções*. Natal: Banco do Nordeste, 2004.
- BENEVIDES, Irenelo Porto. *Turismo e Prodetur: dimensões e olhares em parceria*. Fortaleza: EUFC, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. Natal: Fundação Jose Augusto; Rio de Janeiro: Achiame, 1984.
- CAVALCANTI, Keila Brandão. "Estado e política de turismo: o caso da via costeira da cidade de Natal". Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFRN, 1993.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento M. *Economia e urbanização. O Rio Grandado o Norte nos anos setenta*. Natal: UFRN-CCHLA, 1995.
- FURTADO, Edna Maria. "A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal". Tese (doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFRN, Natal, 2005.

- GASTAL, Suzana. “Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos”. In: GASTAL, Suzana (Org.) *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001 (Coleção Comunicação, 4).
- GONÇALVES, Gisela. “Questionamento à volta de três noções: grande cultura, cultura popular e cultura de massas”. Setembro, 1998, 11 pp. <http://bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-Questionamento.html>
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1989.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. *Modos de vida e identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1996.
- MARTINS, Clerton. *Turismo, cultura e identidade*, São Paulo:ROÇA, 2003.
- MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*. 3. ed. ver. ampl. Natal: EDUFRRN, 2007.
- OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *De cidade a cidade: o processo de modernização de Natal 1889/1913*. Natal:EDUFRRN, 2000.
- PAYÉS, Manuel A M. “Turismo doméstico, progresso e qualidade de vida”. *Revista de Estudos Universitários*. Sorocaba, v.25, n.1, p.123-138, jun., 1999.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. Campinas, SP: Alínea, 2005.
- TRINDADE, Sérgio Luís Bezerra. *Introdução a História do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2007
- SALVÀ TOMÀS, P. “Las implicaciones socioculturales del turismo enel Mar Mediterraneo”. In: Lemos, Amália Ines G. (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.